

~~10442~~ 24

Palestra de Wanderley Geraldi

ENSINO DA LINGUAGEM NA 5a. SÉRIE

Eu acho que vou tomar dois aspectos de uma colocação da Bernadete, porque eu acho que é fundamental a gente refletir sobre isso do ponto de vista que aqui na escola está-se tentando discutir com os professores. De um lado a questão da criança ser "alfabetizada", de outro lado a questão da criança ser "ortografizada". Me parece que são duas coisas diferentes que nós temos entendido como a mesma coisa ao longo da história escolar (não do Sítio, mas da escola brasileira, de um modo geral). Me parece que a questão da escrita remete a uma pergunta sobre a função social da linguagem, enquanto que a questão da ortografia remete à questão da convencionalidade. Ambas, é verdade, acabam respondendo a um mesmo problema. A escrita serve, de fato, para uma interação à distância, uma interação à distância no tempo, uma interação à distância no espaço.

Como tempo e espaço a Ernesta vai rebomar, a gente quer mostrar a possibilidade de, por esta via, pela questão do tempo e do espaço, que se tomam em estudos sociais e se tomam em ciências, matemática, dá para a gente fazer uma integração com o estudo da língua. Eu vou colocar mais ou menos (a Profa. Luiza me ajudará se eu fugir muito) o ponto de vista que a gente está desenvolvendo. O tipo de trabalho que está se desenvolvendo na 5a. série. Eu vou, por uma questão de exposição, ou de prática de exposição, contrapor o que me parece ser a forma mais fácil de se compreender onde que a gente está querendo chegar.

Se nós assumimos que a linguagem, que a modalidade escrita da linguagem, serve para um processo de interação entre sujeitos, como serve a linguagem oral, quer dizer, ela preenche esta função especificamente de levar em consideração a questão da distância, é possível localizar o ensino de línguas na escola a partir de duas perspectivas: uma primeira perspectiva em que se pensa a escola como lugar em que o aluno faz um exercício para um dia usar a modalidade escrita, esta me parece ser mais ou menos a nossa experiência de cada um de nós quando passou pela escola a de fazer

Outra possibilidade é a gente pensar em já introduzir na própria escola, e já na pré-escola, no 1º grau, desde o 1º ano, de fato, a escrita não como um exercício para depois a escrita ser usada, mas funcionar já como uso de língua escrita, já "de cara". Como a criança que aprende a falar não aprende primeiro para depois falar, mas fala, e falando aprende, a idéia é passar para dentro da escola, apesar do artificialismo que a escola possa ter (qualquer escola tem o problema da artificialidade enquanto instituição escolar) passar para dentro da escola o uso da linguagem e não o exercício de linguagem.

Eu contraponho, exemplifico, em três grandes lugares, que foram a experiência de todos vocês, de todos nós dentro da escola. Na verdade é uma tradição no ensino de língua, e uma tradição que tem sua justificativa desde o meu ponto de vista. Uma aula de língua portuguesa, uma aula de linguagem, geralmente passa por três tipos de atividades, quer essas atividades sejam encaradas como exercícios ou não, são atividades de leitura, são atividades de escrever, e são atividades de analisar a língua. Veja, o livro didático de português em geral começa a unidade com um texto que o aluno lê, logo depois ele responde a algumas perguntas de interpretação, preenche alguns formulariozinhos (ou palavras cruzadas, depois que virou moda a questão da ludicidade; é possível a ludicidade na linguagem, mas na escola isto foi feito de uma forma bem superficial). Ele lê o texto e não tem outra razão para ler o texto a não ser responder às perguntas que o chato do livro didático traz ou que o chato do professor organizou. Quer dizer, não há uma razão pela qual ele vá ler. Eu chamaria isso a leitura para a escola e não uma leitura onde o sujeito está lendo de fato.

De outro lado, você tem um outro tipo de atividade que é a escrita, em que a criança escreve para a escola e não escreve o que quer dizer, isto é, ela, quando usa a modalidade escrita não está escrevendo para entrar em interação com o outro, mas escreve para a

fessor, que naquele momento representa, na verdade, a própria escola. Nesse sentido, a criança, em lugar de escrever, devolve a voz da própria escola posta na palavra do professor, em certo sentido. Varia um pouquinho em função do professor mas o estilo é quase o mesmo. Então você vai encontrar aluno de 2º grau ou aqui na Unicamp e no IEL, que vai trocar a palavra "que" pelo "qual" para "o texto ficar mais bonito", uma espécie de semi-formalismo que joga com a imagem do que seria a língua escrita, do que seria uma língua mais cuidada e não joga na verdade com aquilo que ele quer dizer no texto que está escrevendo. Isso me parece que é o escrever para a escola.

E o terceiro tipo de atividade que é a análise sintática, o conhecimento gramatical, que na escola se dá na verdade para responder a questões de uma hipótese já formulada. Ou seja, é mais comum nós encontrarmos (mais comum não, só se encontra isso) uma frase (para pegar um exemplo que todo mundo "sofreu" um pouquinho na mão do professor de português) para retirar o sujeito e predicado precisamente numa oração em que o sujeito e predicado estejam muito claros. Mas toda vez que você joga com uma frase como por exemplo: "para mim chega de exercício" ninguém pergunta qual é o sujeito dessa frase, que é uma frase do português, pois em "chega de fazer exercícios" quem é o sujeito de "chegar" nem nós nos perguntamos! Até agora não achei, na gramática, a resposta. Como não sabemos a resposta, não perguntamos, no exercício.

Eu contraporía esse tipo de exercícios (e é essa a idéia do trabalho que a Luiza e eu temos conversado muito que se está desenvolvendo na 5ª, série, neste começo de ano e acaba aparecendo nas reuniões nossas com outras séries também e com os outros professores de pré, etc) a escola de fato recuperar essas três atividades, porque de fato essas três atividades fazem parte do trabalho linguístico que fazemos todos os dias em qualquer lugar que estejamos lendo ou falando. Isto é, nós somos de fato locutores nas nossas

falas,nós somos interlocutores,ouvimos os outros,nós lemos os outros,quer dizer,nós temos uma atividade de leitura,uma atividade de produção,uma atividade de recepção e realizamos uma atividade de análise de linguagem.Atividade de análise de linguagem que a todo momento fazemos,aqui estou fazendo,mesmo nesse momento, na hora em que estou pensando:bom,não quero usar a palavra receptor, eu não quero usar a palavra emissor,não quero me comprometer com a teoria da comunicação com a qual eu não concordo,estou analisando as formas que estou usando,quer dizer,a linguagem não é inocente,nós sabemos que não é,eu trabalho com ela,trabalho com ela inclusive ideologicamente e sei perfeitamente que na medida em que estou usando uma linguagem,estou-me filiando a um certo quadro de referências e nós avaliamos as expressões,aliás,a criança "avalia" já aos dois anos de idade,qual é a expressão que vai usar quando está falando com outro.Chamo esta atividade de análise.Trazê-la para dentro da escola é o objetivo.Esse trabalho lingüístico social,que produziu a língua tal como a língua está hoje,me parece a forma ideal de ensinar uma língua.Recuperá-lo exige o abandono do exercício;este é o ponto de vista que a gente está tentando desenvolver dentro do Sítio.Em lugar de escrever para escola,para um professor ler,o aluno de fato usa a escrita para aquilo que é a função social da escrita e para o que a escrita existe,isto é, para uma interação,para uma interlocução à distância,no tempo ou no espaço,mesmo que o interlocutor-leitor venha a ser ele mesmo , um tempo depois,tempo que em já não é mais o mesmo eu.Isto é quando eu estou escrevendo um diário,eu na verdade posso,eu mesmo,ser leitor do meu diário,mas já não sou o mesmo eu que escreveu .Muda o ponto de vista com que eu leio e o eu não é estático.

Usar,então,o espaço da sala da aula de língua portuguesa como um lugar onde pessoas se encontram e aproveitam um certo tempo,o tempo institucional,infelizmente o tempo escolar,para escrever,não para a escola,mas escrever na escola,tal como a língua escrita é usada fora da escola.Com isso a gente recupera a primeira

questão: a da produção.

Recuperar a leitura, dentro da sala de aula, é deixar ela acontecer tal como ela se dá fora da escola, recuperando fundamentalmente aquilo que faz com que nós leiamos, quando a gente não tem o chato do professor de português que está pedindo uma análise do livro de literatura ou o chato do professor de análise linguística, de gramática, exigindo a leitura de um texto para você fazer um exercício. Penso que a gente lê um texto fundamentalmente, em função de quatro questões: ou para buscar informação, isto é, eu estou perguntando ao texto e é isso que me faz ler o texto: buscar, pinçar no texto uma informação que está me interessando e eu só vou buscar essa informação se essa informação me interessa para alguma coisa; ou, um segundo tipo, eu estudo o próprio texto, quer dizer, agora não sou eu que pergunta ao texto mas eu ouço o texto, para usar uma analogia. Eu estudo o texto para ver o que que o texto me diz (acho que o exemplo mais simples disso é quando um lavrador pega as instruções de como aplicar um veneno: ele vai ler o texto estudando o texto, isto é, vendo cada uma das instruções a ser seguida. Um terceiro tipo que me parece que é comum fora da escola, é usarmos o texto como um pretexto para uma outra coisa. Quer dizer eu vou usar o texto em função de que eu quero fazer um poema ou quero fazer um oturo texto ou quero fazer um filme. Em quarto lugar, aquela leitura que nós fazemos pelo prazer de ler. Quer dizer, a leitura que nós fazemos todos os dias. Por exemplo, a leitura do jornal é uma leitura tipicamente prazerosa. Ela não é prazerosa pelas notícias, mas ela é prazerosa pelo tipo de relação, porque não há razão pela qual nós lemos o jornal. Se for me perguntar por que que eu li o jornal hoje de manhã, na verdade eu li o jornal para me informar, bom, para que que eu me informei; me informei para andar informado, quer dizer, a resposta é circular, Eu não vou ler o jornal porque hoje a noite tenho uma reunião social e eu quero estar informado para hoje a noite. Se lesse o jornal assim provavelmente eu

gua do que ele saber que o "um" é um artigo indefinido e que o "o" é um artigo definido, porque isso não auxilia absolutamente a entender a linguagem, de um lado, e em segundo lugar ele só soube responder uma hipótese que já foi formulada, aliás, formulada há muito tempo e o aluno sequer sabe a razão.

É uma tentativa de fugir a um estudo da linguagem que continua, no estudo tradicional, muito taxonômico. É buscar a formulação de hipóteses.

Esta é a maior diferença em relação às escolas tradicionais: a análise lingüística pela formulação de hipóteses e não meras respostas.

Acho que já falei mais do que meu tempo. No debate, se necessário, a gente explicita melhor.